

Dois poemas de Drummond à luz do pensamento de Nietzsche

Iracema Macedo*



Resumo

rata-se de uma interpretação dos poemas “Os Ombros Suportam o Mundo” e “Amar”, de Carlos Drummond de Andrade, através de uma noção estética do pensamento de Nietzsche denominada “Amor fati”, expressão latina que pode ser traduzida como amor ao destino.

Palavras-chave: *Poesia; Filosofia; Nietzsche; Drummond; “Amor fati”.*

Na tentativa de tornar mais fértil minha contribuição, uma vez que sou apenas uma leitora do poeta, resolvi apresentar um texto relacionando Drummond ao pensamento de Nietzsche, com o qual tenho uma certa intimidade.

Gostaria, inicialmente, de citar os dois poemas que eu selecionei; depois tentarei mostrar a relação desses dois poemas com o que se pode chamar uma estética nietzscheana.

* Doutoranda em Filosofia na Unicamp

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

*Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração
Tempo, em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.*

*Em vão mulheres batem à porta, não abrirás,
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.*

*Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
Prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação
(ANDRADE, 1983:78).*

AMAR

*Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
Sempre, e até de olhos vidrados, amar?*

*Que pode, pergunto, o ser amoroso,
Sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?*

*Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.*

Este o nosso destino: amor sem conta,

*distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.*

*Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita
(1983:262).*

Amor ao destino

Há uma noção, no pensamento de Nietzsche, chamada “*amor fati*”, uma expressão latina que, ao pé da letra, quer dizer “amor ao destino”, e que podemos interpretar como sendo uma afirmação incondicional da vida mesmo no que ela tem de mais estranho, de mais terrível, de mais difícil de ser enfrentado. O *amor fati* é uma espécie de atitude estética diante do mundo, um modo de transformação da dor em beleza, em alegria, em arte. Não significa que não haja um pessimismo diante da vida, mas esse pessimismo é entendido por Nietzsche como um pessimismo da força, ou seja, um pessimismo afirmativo, inconformado e, sobretudo, um pessimismo destruidor e, ao mesmo tempo, criador.

Nesses poemas de Drummond, que eu citei, há um entrelaçamento muito visível entre a dor e a superação da dor ou uma atitude muito clara de transformação do desencanto e do desespero em obra de arte. O poema “Os ombros suportam o mundo” não parece exprimir uma resignação, um conformismo passivo, mas, antes de tudo, exprime uma constatação do que há de inevitável nos fatos, uma constatação de que a vida se depara com o irremediável e que não tem outra saída senão ser vivida sem mistificação, isto é, sem fuga, sem covardia, sem subterfúgios. Drummond, nesse poema, transforma a brutalidade em luz e procura converter, como diz Afonso Romano, *os mínimos sinais de vida em vida intensa* (SANT’ANNA, 1992:96), traduz uma terrível condição humana em versos.

Ao dizer: “teus ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que a mão de uma criança”, o poeta nos fala de como o peso pode se tornar leveza. A imagem da mão da criança é um contraste com a realidade rude e seca que o poema apresenta. É a imagem da liberdade diante do fardo a ser carregado. Essa tradução do peso em leveza, da dor em alegria, em força, em coragem é o que podemos chamar *amor fati*, um amor que ama até o ódio, um amor que ama até a falta de amor.

Nesses dois poemas, Drummond exprime uma espécie de gratidão pela existência, mesmo em sua face mais crua. Ele nos fala do destino do ser amoroso para o amor, mesmo que esse amor seja “uma doação ilimitada a uma completa ingratidão”. Mesmo que esse amor, distribuído entre coisas pérfidas e nulas, seja apenas sede, seja apenas ânsia de um beijo que nunca foi dado, de uma água implícita que nunca pôde ser bebida. O amor que ama o inóspito, o áspero, a ave de rapina, pode ser interpretado como o amor ao destino, o *amor fati* nietzscheano.

Na estética de Nietzsche, a arte e, no nosso caso, a poesia, é um modo de intensificar a vida em todos os seus aspectos, desde os mais dolorosos até os mais lúdicos e prazerosos. A arte agradece até mesmo o que há de feio, grosseiro e

incompreensível na vida, agradece e torna bela até a morte, a degradação, o medo. Para Nietzsche, a arte está além do bem e do mal, além do pessimismo e do otimismo, e, em todos os tempos mais difíceis, é o que faz com que a vida seja digna de ser vivida.

Como Drummond diz em outros poemas ao longo de sua obra: é como se o desejo da vida fosse um só: o de “que cada coisa seja uma coisa bela.” (ANDRADE, 1983:173). Que a lâmina corte, mas que seja doce. Ele nos diz que, “o que perdeu, se multiplica e que há uma pobreza feita de pérolas que salva o tempo e que resgata a noite” (1983:143). E que já não pode classificar os bens preciosos, *porque tudo é precioso* (1983:143). Nos diz ainda que “já não cultivamos a amargura, nem sabemos sofrer, pois já dominamos essa matéria escura, já nos vemos em plena força de homens libertados” (1983:203).

E lanço outros versos do poeta em que ele diz: “uma parte de mim sofre, outra pede amor, outra viaja, outra discute, uma última trabalha, sou todas as comunicações, como posso ser triste?” (1983:215)

Quero destacar ainda, em relação a essa noção de arte como transformação do peso em leveza, os versos de um poema que ele dedicou ao artista e homem do povo Charles Chaplin:

Falam por mim os que estavam sujos de tristeza e feroz desgosto de tudo, que entraram no cinema com a aflição dos ratos fugindo da vida (...), e te descobriram e salvaram-se (1983:222).

Falam, através do poeta, os homens que estavam perdidos e descobriram a beleza. E foi o próprio Charles Chaplin que nos disse que aquele que descobre a beleza, descobre tudo. A beleza como o sentido maior da existência, mesmo diante do que pode haver de irremediável e perdido.

É a velha história já contada por Manuel Bandeira que, diante de uma tuberculose, só tinha, como saída, dançar um tango argentino (BANDEIRA, 1993:128). Ou a história de uma menina cigana que, diante da invasão e destruição de seu acampamento, disse para suas companheiras: *Dancem, dancem, senão estamos perdidas.*

Para tentar deixar ainda mais clara essa noção de *amor fati*, de amor ao destino e de tradução do inevitável em arte, eu vou citar as palavras do próprio Nietzsche em relação a isso. Em 1882, em *A Gaia Ciência*, o filósofo anuncia, pela primeira vez, esse que é um dos princípios fundamentais de sua estética. Ele diz:

Eu quero aprender cada vez mais a considerar a necessidade das coisas como beleza – assim, eu serei um daqueles que tornam as coisas belas, “amor fati”: que seja este de agora em diante o meu amor! Eu não vou fazer guerra contra o feio, eu não o acusarei mais, eu não acusarei nem mesmo os acusadores. Suspender o olhar, que esta seja minha única forma de negar. Eu não quero, a partir desse momento, ser outra coisa senão pura afirmação (Nietzsche, 1988:521).

Beleza, nesse período do pensamento de Nietzsche, é afirmação da efemeridade, da finitude, do corpo, do desejo. É um princípio essencialmente arraigado aos aspectos necessários do mundo: morte, dor, alegria, prazer. É o próprio caráter do que é inevitável que passa a ser entendido como belo, porque a beleza abarca agora o monstruoso. A medida e o caos são apenas aspectos diferentes de uma mesma força.

Outra referência ao *amor fati*, publicada nos escritos de 1888, explicita propriamente o que o filósofo passou a entender por atitude dionisíaca diante da existência. Nietzsche começa com um comentário em que diz que a filosofia, como até agora a compreendeu e viveu, é a busca voluntária dos aspectos mais estranhos da existência. Chama a isso uma espécie de filosofia experimental, uma filosofia que, a título de experiência, assume e se arrisca em todos os aspectos da vida.

Ao conceber uma estética da força e da atividade, Nietzsche defende a necessidade de tornar as coisas belas, através da afirmação e da criação. Com esse pensamento, o filósofo selou o que havia de fundamental em sua concepção de arte e de vida. Trata-se de embriagar-se com a própria vida e não de transcendê-la, trata-se de amar e não de fugir.

Essa perspectiva, entendida como atitude dionisíaca diante da existência, conduziu, por exemplo, a abordagem de Nietzsche sobre os gregos, um povo que teria aprendido como nenhum outro a transformar a fatalidade em beleza, um povo amoroso e pleno de gratidão pela existência. Um povo que fez arte de sua história, de seus ódios, de suas guerras, de suas mortes e de seus amores.

Na visão nietzscheana, os gregos talvez soubessem muito bem cantar e dizer, com Drummond, que o ser amoroso, sozinho, em rotação universal, não pode outra coisa, senão amar e desamar. “Amar e esquecer, amar e malamar, amar sempre, e até de olhos vidrados, amar”. Um amor que, como Drummond nos fala em outros versos, sabe vencer a própria dor, sabe resplandecer no seu canto obscuro, e sabe arder, mesmo sem esperança.

Para complementar gostaria de mencionar um pensamento apresentado por Nietzsche, através de seu personagem Zarathustra, em que ele nos diz que, fundamentalmente, apenas ama a vida e nunca a ama tanto, como quando a odeia. Ou seja, o amor à vida é posto à prova justamente nos momentos mais difíceis em que deveríamos logicamente odiar em vez de amar.

O poeta na sociedade

E para encerrar a participação de Nietzsche nessa conversa, gostaria de esclarecer que, em um determinado período de seu pensamento, ele apontou para o papel fundamental do artista-poeta na sociedade fazendo alusão a uma interpretação do pensamento platônico segundo a qual o poeta devia ser exilado da vida pública. Entre outras coisas, o poeta, sendo portador do que é novo, poderia ameaçar o equilíbrio da República.

Nietzsche entende, parodiando o mito da caverna de Platão, que é como se a sociedade moderna estivesse envolvida pelas sombras, pelos fantoches, pela hipocrisia e mentira dos homens aprisionados na caverna. O artista seria então um indivíduo que teria acesso à verdade, à luz, à realidade e voltaria amorosamente ao subterrâneo para tentar libertar seus companheiros. Se, para Platão, era conveniente exilar o poeta para que não ameaçasse os poderes estabelecidos, para Nietzsche, é justamente o contrário: é preciso manter o poeta no seio da comunidade para que ele possa ser a crítica ao que está estabelecido, para evitar que as sombras tornem-se a justificativa da vida, para que permaneça em vigília e vele pelo real sentido da existência.

O poeta, ao lado da arte, do sonho e da utopia, é necessário em defesa da própria realidade. E nesse aspecto, nós sabemos muito bem o legado de amor pela realidade que Carlos Drummond de Andrade nos deixou em todos os seus claros enigmas.

E, finalmente, para encerrar essa homenagem ao centenário do poeta mineiro, gostaria de ler um poema de minha autoria em que faço uma certa provocação em relação ao poema “O Amor e seu Tempo”, do livro *As Impurezas do Branco*. Os versos com que brinco são os seguintes: “Amor é o que se aprende no limite,/ depois de se arquivar toda a ciência/ herdada, ouvida. Amor começa tarde” (ANDRADE, 1983:458).

O meu poema chama-se *Dandara* e começa assim:

*Eu só acreditava em Drummond:
'o amor chega tarde'
Não conhecia o amor que fulgura sem aviso
esse que se sabe proibido
o amor que já se sabe perdido desde o início
Eu não acreditava no impossível
vinha tão sóbria, tão cheia de medidas
não conhecia o esplendor da queda
nem a violência dos abismos
(MACEDO, 2000:15).*

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Carlos Drummond. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1983.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

MACEDO, IRACEMA. *Lance de dardos*. Rio de Janeiro: Estúdio 53, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. Edição alemã estabelecida por G.Colli e Montinari. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1988.

SANT'ANNA. Afonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. Rio de Janeiro, Record, 1992.